

O DESAFIO DOS PROFESSORES DE SÉRIES INICIAIS PARA A REORGANIZAÇÃO DO PLANEJAMENTO DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: ESTUDO DE CASO DE UM COLÉGIO¹ DE MARAU

THE CHALLENGE OF EARLY GRADE TEACHERS TO REORGANIZE PLANNING DURING THE COVID-19 PANDEMIC: A CASE STUDY FROM A HIGH SCHOOL¹ IN MARAU

Maiara CAMILO²

Joseane AMARAL³

RESUMO: O presente artigo aborda os principais desafios enfrentados pelos educadores de séries iniciais para a reorganização do planejamento didático durante a pandemia de Covid-19. Em virtude de ser uma situação recente e que se expande a todos os níveis de ensino, verificou-se a necessidade e importância deste estudo. A partir disso, surge a questão “Quais foram os principais desafios encontrados pelos docentes para reelaborar seu planejamento didático na implementação das aulas remotas?” Para fundamentar a escrita e responder a esse questionamento, foram realizadas entrevistas com educadoras que atuam nas séries iniciais, em um colégio de Marau/RS, bem como dispôs-se de pesquisas bibliográficas, com o intuito de conceituar aspectos relacionados ao assunto. Os objetivos desta pesquisa envolvem identificar os principais desafios enfrentados pelos professores durante as aulas remotas e compreender como ocorreu a readequação do planejamento didático. Este estudo poderá servir para que outros profissionais possam tomar conhecimento sobre as experiências relatadas e as alternativas encontradas por esses docentes para adequar suas aulas ao formato de ensino remoto.

Palavras-chave: Ensino remoto; Desafios; Planejamento.

¹ A fim de manter o sigilo e confidencialidade das fontes o nome do colégio não será divulgado, bem como das educadoras entrevistadas.

² IFSUL – Instituto Federal do Rio Grande do Sul. Unidade acadêmica de Passo Fundo. Passo Fundo – RS – Brasil.

³ IFSUL – Instituto Federal do Rio Grande do Sul. Unidade acadêmica de Passo Fundo. Passo Fundo – RS – Brasil.

ABSTRACT: The following article approaches the main challenges faced by primary levels teachers to reorganize the didactic planning during the Covid-19 pandemic. Due to be a recent situation that expands to all teaching levels, it was found the need and importance of this study. From that, the question came up: “Which are the main challenges found by the professors to re elaborate their didactic planning in the deployment of remote classes?” To justify the writing and answer this question, interviews with professor that work with the primary levels were made, at a school in Marau/RS, as well as bibliographical researches were available, in order to conceptualize aspects related to the issue. The goals of this research involves remote classes and comprehend how the readjustment of the didactic planning happened. This study may be used by other professionals to know about the related experiences and the alternatives found by those professors to adjust their classes to the remote teaching format.

Keywords: Remote teaching; Challenges; Planning.

INTRODUÇÃO

Muito se tem falado, nos últimos meses, a respeito da suspensão das aulas presenciais, devido ao vírus Covid-19. Por se tratar de um vírus que se alastra rapidamente, precisou-se estabelecer o distanciamento social. Tornou-se inviável frequentar a escola, o que obrigou as instituições de ensino a dar início ao sistema de ensino remoto emergencial.

Diante desse cenário, os professores precisaram remodelar seu planejamento didático e adequá-lo ao ensino remoto, passando a utilizar ferramentas digitais para explanação dos conteúdos, desenvolvimento de tarefas e avaliações. Com base em observações pessoais, escolhemos esse assunto para que seja possível verificar como os professores se adaptaram a essa nova realidade e quais foram os desafios encontrados durante esse processo.

O objetivo principal desta pesquisa é descrever, de maneira exploratória, como ocorre a reorganização do planejamento didático e os principais desafios enfrentados pelos docentes no ensino remoto. A metodologia utilizada para o desenvolvimento da escrita dispôs de pesquisas bibliográficas e, também, de entrevistas realizadas com seis professoras de Ensino Fundamental I, que atuam em um colégio da rede particular de Marau – RS.

O presente artigo divide-se em dois capítulos: 1) Suspensão das aulas presenciais e início do ensino remoto e 2) Ensino remoto emergencial. No primeiro capítulo, há uma breve contextualização sobre o início do ensino remoto. No segundo capítulo, apresenta-se alguns conceitos sobre o assunto, bem como são abordados relatos de situações vivenciadas pelas

educadoras entrevistadas. O segundo capítulo subdivide-se em dois subtítulos, os quais trazem os relatos de experiências com ensino remoto e tratam da readequação do planejamento didático.

Dentre os autores estudados para o desenvolvimento desta pesquisa, destacam-se GARCIA et. al. (2020) e OLIVEIRA et. al. (2020), com significativas contribuições sobre o ensino remoto emergencial.

1 SUSPENSÃO DAS AULAS PRESENCIAIS E INÍCIO DO ENSINO REMOTO

Com a chegada e rápida disseminação do vírus COVID-19, entre o final do mês de fevereiro e o início do mês de março de 2020, o cenário mundial foi afetado em muitos aspectos. Devido à rapidez em que o vírus se espalha e contamina as pessoas, foi dado início ao distanciamento social. Na área da educação não foi diferente, as instituições de ensino precisaram suspender as aulas presenciais e repensar um modo de continuar com o ensino, para que não fosse preciso cancelar o ano letivo.

Algumas escolas se adequaram rapidamente, dando início ao sistema de ensino remoto. Pode-se citar como exemplo o colégio no qual trabalhamos, no município de Marau/RS, que já contava com um suporte de plataforma digital antes de iniciar a pandemia. A instituição aderiu há algum tempo ao programa *Google For Education*, o qual permite acesso a diferentes ferramentas que auxiliam o professor no processo educativo, além de disponibilizar uma sala de aula virtual. Tal plataforma já era utilizada como suporte às aulas presenciais.

As aulas remotas, portanto, são divididas em interações síncronas e assíncronas. Conforme Oliveira et al. (2020, p. 26) “as aulas e as interações síncronas demandam que docentes e discentes estejam conectados em tempo real, de forma simultânea, com apoio de tecnologias e ferramentas que sejam capazes de manter as interações on-line”. Alguns exemplos de ferramentas que permitem fazer videoconferências são: Meet, Zoom, Conferência Web, Skype, entre outros.

As aulas e as interações assíncronas, por sua vez, não demandam que docentes e discentes estejam conectados em tempo real, de modo simultâneo. Podem ser realizadas através de videoaulas, fóruns de discussões em uma plataforma online, entre outros exemplos.

2 ENSINO REMOTO EMERGENCIAL

Muito se falou nas mídias a respeito das aulas remotas, ocasionando certos equívocos a respeito da terminologia do ensino não presencial. Portanto, cabe conceituarmos alguns elementos para esclarecer o que são as aulas remotas, as quais diferem do Ensino a Distância (EaD) e do Ensino Híbrido.

Considera-se educação a distância a modalidade educacional na qual a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem ocorra com a utilização de meios e tecnologias de informação e comunicação, com pessoal qualificado, com políticas de acesso, com acompanhamento e avaliação compatíveis, entre outros, e desenvolva atividades educativas por estudantes e profissionais da educação que estejam em lugares e tempos diversos. (BRASIL, 2017)

Assim sendo, a EaD configura-se como uma modalidade de ensino, ou seja, deve ser compreendida como um tipo distinto de oferta educacional. O Ensino híbrido configura-se na junção do ensino presencial com o modelo EaD, visando uma personalização do ensino.

O Ensino Remoto Emergencial, por sua vez, é adotado em situações eventuais, para dar suporte à aprendizagem dos estudantes, mas não se configura como uma modalidade educacional com regulamentação própria, como ocorre na EaD.

A educação remota *on-line* digital se diferencia da Educação a Distância pelo caráter emergencial que propõe usos e apropriações das tecnologias em circunstâncias específicas de atendimento onde outrora existia regularmente a educação presencial. (ARRUDA, 2020, p. 9)

Considerando que a adoção do Ensino Remoto se deu de forma emergencial, como o próprio nome sugere, faz-se necessário discutir a respeito da adaptação das aulas, que antes eram presenciais e contavam com o contato interpessoal. Com o início da pandemia as aulas passaram a ser de forma remota, cada um em sua residência, recebendo as aulas, tarefas e aprendendo através do computador, tablet ou celular.

O início do distanciamento social foi uma novidade para todos. A equipe escolar precisou encontrar meios de continuar oferecendo aulas, para evitar a defasagem do ensino, enquanto as famílias necessitaram se preparar para que os educandos pudessem ter um espaço em casa disponível para os estudos. Segundo Garcia et al. (2020, p. 5)

Ensinar remotamente não é sinônimo de ensinar a distância, embora esteja diretamente relacionado ao uso de tecnologia e, nesse caso, digital. O ensino remoto permite o uso de plataformas já disponíveis e abertas para outros fins, que não sejam estritamente os educacionais, assim como a inserção de ferramentas auxiliares e a introdução de práticas inovadoras. A variabilidade dos recursos e das estratégias

bem como das práticas é definida a partir da familiaridade e da habilidade do professor em adotar tais recursos.

Os professores que já utilizavam algumas ferramentas digitais, de certo modo tiveram mais facilidade para trabalhar com elas em suas aulas. Já aqueles que não tinham esse domínio, precisaram buscá-lo para dar suporte ao novo formato de ensino. Tal adaptação inicia, então, no planejamento didático, ponto de partida para a ação docente. Conforme Oliveira et al. (2020, p. 10) há alguns itens para reflexão ao elaborar um planejamento didático. São eles:

1. O planejamento envolve uma tomada de decisão;
2. O planejamento configura-se como um processo, portanto, revela-se como ação contínua;
3. O planejamento integra-se a objetivos específicos previamente definidos e que serão eixos condutores de todo o ato de planejar;
4. O planejamento requer a interconexão de várias etapas articuladas: elaboração, execução e avaliação.

É imprescindível, então, que o educador organize as fases do seu planejamento para alcançar aquilo que pretende. Faz-se necessário refletir de que forma isso será realizado e quais métodos utilizar para atingir os objetivos propostos. Na visão de Oliveira et al. (2020, p. 10) há questões norteadoras do processo de planejamento, como: “‘O que ensinar?’; ‘Para quê ensinar?’; ‘Que estratégias utilizar?’ e ‘Como avaliar?’”. É aí que surge o desafio para o educador, pois durante as aulas presenciais essas questões seriam respondidas de um modo, mas nas aulas remotas é necessário repensar e replanejar as perguntas, visto que as estratégias de ensino podem variar de acordo com a disponibilidade e o conhecimento que o professor possui sobre tecnologias digitais. Há inúmeras ferramentas que podem auxiliar no processo educativo, basta o professor adaptá-las às suas aulas. A avaliação também deve ser pensada com cuidado, pois é preciso levar em consideração as condições de estudo de cada aluno.

Surge então um desafio para os docentes, que precisam se apropriar, rapidamente, de bases conceituais, teóricas e metodológicas para redimensionar seus planejamentos didáticos e suas práticas pedagógicas.

2.1 RELATOS DE EXPERIÊNCIAS COM ENSINO REMOTO

Para saber como se deu essa readequação do planejamento didático docente e quais os principais desafios nesse processo, sete profissionais docentes foram convidadas a realizar a entrevista, no entanto apenas seis participaram. Trata-se de educadoras que atuam do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental, em um colégio da rede particular de Marau/RS.

Todas as educadoras que participaram da entrevista afirmaram nunca ter trabalhado com ensino remoto em sua profissão. Algumas disseram ter tido contato com a modalidade na graduação e/ou na especialização, mas como alunas. Uma entrevistada relatou uma experiência com a ferramenta *Moodle*, em uma graduação cursada há alguns anos.

Essa mesma professora mencionou que, há cerca de três anos, quando o colégio em que trabalhamos aderiu à plataforma *Google for Education*, ela e outra docente tentaram fazer uma atividade conjunta numa mesma classe, utilizando as ferramentas digitais disponíveis. O resultado foi considerado insuficiente, pois poucos estudantes realizaram a atividade proposta. Tais educadoras afirmaram ter conhecimento básico sobre as ferramentas tecnológicas digitais, pois desde que a escola começou a trabalhar com a plataforma, foram ofertadas formações pedagógicas com instrutores do programa. Apesar de terem conhecimento acerca desses instrumentos, eles não eram utilizados em suas aulas. Apenas quando iniciaram as aulas remotas as educadoras passaram a utilizá-los, de fato.

Conforme Alves (2020, p.358)

Na educação remota predomina uma adaptação temporária das metodologias utilizadas no regime presencial, com as aulas sendo realizadas nos mesmos horários e com os professores responsáveis pelas disciplinas dos cursos presenciais [...]. Esses professores estão tendo que customizar os materiais para realização das atividades, criando slides, vídeos, entre outros recursos para ajudar os alunos na compreensão e participação das atividades.

Foi dessa forma que ocorreu a adaptação das aulas - os professores precisaram encontrar novas formas e metodologias para trabalhar com os aprendizes. Passaram a utilizar gravações de videoaulas com explicações dos assuntos; slides; aulas síncronas através do Meet; vídeos complementares do *YouTube*, entre outros.

As educadoras entrevistadas são: três professoras de primeiro ano; uma professora de segundo ano; uma professora de terceiro ano e uma professora de quarto ano. Uma das educadoras citadas, atuante no primeiro ano, também atua no quinto ano. Para identificá-las, utilizamos os seguintes pseudônimos: P1, P2 e P3 - as três educadoras de primeiro ano; P4 - a

educadora de segundo ano; P5 - a educadora de terceiro ano e P6 - a educadora de quarto ano. P1 é a educadora que atua no primeiro e no quinto ano do ensino fundamental.

Em relação aos educandos, as professoras entrevistadas asseguraram que todos possuíam acesso às aulas remotas; aqueles que, no início da pandemia, não o possuíam, as famílias buscaram os recursos necessários para que seus filhos pudessem acompanhar as atividades.

Embora os alunos tivessem acesso aos meios para assistir às aulas, é importante refletir sobre outro aspecto: a autonomia das crianças. As educadoras entrevistadas mencionaram que os estudantes menores possuíam pouca autonomia para acessarem as aulas sozinhos e organizarem o material necessário para as tarefas do dia, necessitando, assim, de um adulto para lhes auxiliar. A maioria dos alunos maiores, por outro lado, já conseguia acessar a plataforma e dependia pouco ou nada da ajuda de um responsável.

Em virtude de muitos pais continuarem trabalhando, remotamente ou não, nem todos podiam acompanhar e auxiliar os filhos durante as aulas. Algumas crianças ficavam com avós ou demais familiares; outros com suas cuidadoras. Ainda, muitos não tinham com quem ficar, obrigando os pais a ir em busca de alguém que pudesse acompanhá-los e auxiliar no que fosse preciso.

Todas as educadoras participantes da pesquisa afirmaram que grande parte das famílias conseguiram realizar a mediação necessária para garantir a execução das atividades propostas e contribuir para a aprendizagem dos estudantes. Poucos alunos deixaram de participar das aulas e/ou deixaram de fazer atividades em virtude da falta de acompanhamento familiar.

Uma preocupação mencionada durante as entrevistas era em relação ao desempenho dos alunos. Aqueles que possuíam um desenvolvimento mais alto nas aulas presenciais, conseguiram manter-se assim nas aulas domiciliares. Já os estudantes que apresentavam dificuldades, com o ensino remoto, essas dificuldades ficaram mais evidentes, principalmente pelo fato de não estarem próximos à professora para receber um “olhar de perto”.

Das seis professoras entrevistadas, quatro afirmaram ter feito videoconferências através do Meet (aula síncrona), além de terem gravado videoaulas para reforçar alguns conteúdos. Uma professora afirmou ter gravado vídeos explicativos quando iniciou o sistema

de aulas remotas e, depois, passou a fazer somente aulas síncronas. A outra educadora afirmou ter realizado somente aulas síncronas através do Meet.

2.1.1 Readequação do planejamento didático

Em relação ao planejamento didático, as professoras foram unânimes ao afirmar que precisaram adequá-lo. Aquilo que estava preparado para trabalhar no modo presencial precisou ser adaptado para a atuação no ensino remoto.

Uma queixa recorrente entre as professoras entrevistadas foi sobre o processo de readequação ter sido “estressante”, “mais solitário” e bastante trabalhoso. Podemos verificar isso ao ler algumas partes transcritas das entrevistas com as docentes. Salientamos que os relatos foram transcritos mantendo as palavras utilizadas pelas entrevistadas, respeitando a característica da oralidade dos discursos.

Na preparação das aulas online, tu não pode preparar aula do jeito que tu prepara pra presencial. No presencial, eu anoto o enunciado do que eu quero e eu vou lá e sei o que eu tenho que fazer, canto uma música, faço alguma coisa, mas no online tem que botar explicadinho, botar vírgula, tu tem que botar um vídeo, uma historinha [...] sempre tinha que ter alguma coisa pra ilustrar. (P2, 2021)⁴

Pode-se perceber, lendo o comentário desta educadora, que o planejamento precisa ser totalmente reestruturado para atender às exigências das aulas remotas. É preciso replanejar do início ao fim

Eu escolhi alguns conteúdos mais importantes. Digamos assim, não pulei nada, não pulei nenhuma etapa. Por exemplo, o que vinha pra nós ali do livro foi trabalhado. Só que aquilo que eu considerava mais importante eu explicava por mais de uma aula.”; “Eu fazia muitos slides para fazer essa interação, para chamar a atenção deles, pra eles lerem. (P1, 2021)

Em virtude de o tempo ser reduzido nas aulas síncronas, por diversos motivos (conexão de internet, dúvidas dos alunos, distrações) era necessário priorizar os conteúdos mais relevantes, conforme mencionado pela educadora. Fez-se necessário, também, criar materiais interativos para que os educandos prestassem mais atenção nas aulas, sentissem interesse pelo conteúdo e exercitassem a leitura.

A gente adaptava [...] elas (as duas outras professoras companheiras de turma) tinham uma folhinha de continhas simples assim, tipo dois mais dois,

⁴ Todos os depoimentos colhidos (P1, P2, P3, P4, P5 e P6) dizem respeito a informações verbais, uma vez que são trechos de entrevistas realizadas com as docentes.

três mais três, números que se repetiam. Isso elas faziam logo que elas iniciavam lá na matemática, com as continhas bem simples. Como não era possível ter, porque se nós mandasse para casa, os pais iam fazer, o que que eu tive a ideia de fazer: montei um slide e nesse slide eu botei as mesmas continhas, eu fui olhando na folha. Eu sei que começava no um mais um, dois mais dois, três mais três, até chegar no dez mais dez. Ai eu lembro que eu fiz, montei nos slides, ai eu ia sorteando, ai tinha a roleta aquela dos nomes e tal, eu ia sorteando. Quando caía lá a criança (o nome) eu perguntava quanto será que é essa aqui, mas na ordem, daí ele me falava dois mais dois é quatro e ai eu clicava e aparecia o resultado. Então isso foi um jeito que eu fiz pra ver se eram eles que iam responder e tal e deu super certo. Ai eu falei (para as outras duas professoras) 'ó aquela folhinha lá que vocês falaram que não ia dar para fazer, eu fiz em forma de slides'. E ai passei pra elas também, a gente compartilhou muita coisa, até hoje a gente tá fazendo assim. E daí elas fizeram também. Então, a gente teve que adaptar, teve que adaptar tudo. Muitas coisas que tinham que ser feitas a gente teve que gravar bastante vídeo pra explicar. (P1, 2021)

Durante o decorrer das aulas, as educadoras iam percebendo o que era necessário mudar e testaram, experimentaram e adaptaram seus materiais de modo a garantir a aprendizagem dos alunos.

Mas o que que ainda nos pega assim, essa semana, semana passada a gente saberia que ia começar presencial né. Então a gente já tinha impresso várias folhinhas que é desse primeiro dia, a gente já tinha preparado caderno de sondagem, que é nos primeiros dias que a gente vê como é que tá. Isso ainda com atividades, digamos assim, que do Pré. Tracinhos, coisas pra gente ver a motricidade como é que tá. E o que que aconteceu: fizemos uma semana assim, não deu pra fazer tudo que a gente tinha, voltamos pro jeito remoto e agora as atividades têm que esperar. Eu até comentei com as gurias 'assim, mas se a gente mandar pra casa alguma coisa, porque vai saber quando que eles vão retornar (ao ensino presencial)'. Daí a outra profe me disse: você sabe que se a gente mandar pra casa eles não vão fazer, não do jeito que a gente quer que eles façam. Quem vai dizer pra eles fazerem assim, 'assado', vai apagar, vai fazer eles fazerem correto são os pais. Então não vai dar, essas atividades no caderno a gente não vai mandar. Então, o tempo inteiro a gente tem que estar se adaptando. A semana primeira e a segunda que estaria, de certa forma, programada, mudou tudo. Agora a gente já teve que ir pro livro, a gente já teve que fazer explicações de forma diferentes. Ontem mesmo, na primeira aula de matemática, que seria pra outra semana a primeira aula de matemática no livro, eu já tive que fazer ontem. Ai eu fiquei pensando 'eles não vão entender só olhando o livro e as imagens'. Montei slides, tirei fotos dos cartazes que a gente tem na sala das figuras geométricas [...] montei slides com as fotinhos da sala, enquanto eles viam os slides, eu ia explicando no quadro. Então, é uma coisa que a gente tem que estar sempre correndo, sempre correndo. Digamos assim, que esse ano seria mais pra gente 'relaxar' talvez, porque muita coisa a gente tem pronta, muitos vídeos tem prontos. Não, mudou tudo de novo, a gente teve que se reestruturar de novo e assim vai indo. (P1, 2021)

Nesse comentário, a educadora relata uma situação que afligia outras professoras também, sobre saber como as crianças estão realizando as tarefas em casa. Se estão realizando sozinhas, se os pais fazem pela criança, se os pais consideram errado, apagam e solicitam que a criança refaça. São questões que refletem, também, na avaliação, pois não há como saber se realmente são as crianças que fazem as atividades.

Eu tive que readequar muito, inclusive alguns trabalhos em grupo, que não era mais possível. Então passei a utilizar o Jamboard o Google Docs que também é possível e também descobri algumas outras ferramentas que daria para readequar várias coisas, inclusive o Google apresentações.” “Foi necessário, foi forçado readequar muito. A utilização do YouTube, também, pra complementação de explicações de conteúdos, sites. (P5, 2021)

De fato, como menciona a educadora, a readequação foi total, pois não havia possibilidade de manter o planejamento intacto, como se fosse aplicado no ensino presencial. Foi preciso buscar diversas ferramentas para apresentar os conteúdos, interagir com a turma e avaliar.

De forma presencial, tu apresenta pra criança, muitas coisas quando tu vai trabalhar algo você leva pra escola, você mostra, você tá ali, vai apresentar o que tem na sala. E o que que eu tive que fazer, eu tive que escanear, eu tive que montar Power Point. Então fotografava, montava. Várias historinhas que a gente queria trabalhar e eu tinha as histórias. Algumas vezes eu até fazia a contação mostrando o livro, mas, visualmente, ficava difícil pra eles enxergarem, do que uma imagem maior. Ai eu comecei a escanear, ou então fotografar, montar um Power Point ou um videozinho e aí eu ia passando e ia fazendo a contação, ia mostrando a imagem da história.”. “Sete de setembro; dia do gaúcho; Folclore, tudo isso que a gente levava materiais, expunha na sala, pra eles ir visualizando, para eles olharem de perto, eu explicava; eu tive que fazer isso: tive que criar Power Point, tive que montar. Então, às vezes, uma profe fazia e passava para as outras e cada uma adequava conforme os seus alunos. (P3, 2021)

Essa educadora relata que os materiais anteriormente levados para a escola, para os educandos observarem presencialmente, manusearem, agora precisava ser fotografado e transformado em apresentações para que pudessem visualizar.

Corroborando com esse pensamento, Ricci e Vieira (2020, p. 4) afirmam que

[...] é inegável que a interação é ponto primordial das relações de ensino-aprendizagem e que a escola, muito mais do que um espaço onde depositam-se textos inertes aos estudantes, é espaço de atuação autônoma e coletiva, de vivências e interação, de relacionamento com o outro de forma física, presencial e humana, mas também uma instância onde as tecnologias podem e devem cumprir o importante papel de apoio dos processos de ensino e de aprendizagem. Isso porque o processo de aprendizagem é coletivo, conta

com a curiosidade mútua, com a liberdade e interação que as crianças precisam ter para aprender. A escola é muito mais do que aprender por si mesmo! Transcende a posição de espaço de aprendizagem: é uma comunidade onde os professores e alunos relacionam-se, interagem e aprendem mutuamente, por meio do contato pessoal, das experiências vivenciadas no coletivo, das confidências, do relacionamento. É fato que as crianças que têm bom relacionamento na escola, na sala de aula, inevitavelmente, aprendem melhor. Os professores sabem disso, e agora, isto está sendo comprovado por esta crise pandêmica.

Além de ser necessário apresentar digitalmente todo o conteúdo e materiais para os estudantes, também não há a interação e socialização entre alunos e professores, tão importante para as crianças.

Como ponto positivo, a educadora P3 relatou também que foi criada uma rede colaborativa entre alguns docentes, assim, determinados materiais produzidos para as aulas remotas eram compartilhados pelas professoras da mesma série, e cada uma ia adequando conforme considerava necessário. Outra vantagem apresentada por uma das entrevistadas foi o fato de os alunos possuírem material didático (livro/apostila) para dar suporte ao ensino:

Uma das coisas positivas era ter um material, ter um livro que, por mais que algumas coisas você deixe de lado, não enfatize tanto né, como qualquer livro didático, eles tinham um material para fazer uma sequência, pra ter uma atividade de apoio. Porque se fosse tudo só fazer folhinhas, xerox, coisas assim, ficaria muito cansativo e não teria como você passar um conteúdo novo, enquanto que, com esse material, tinha a introdução. (P3, 2021)

O planejamento no modo remoto era realizado diariamente, ou seja, as profissionais planejavam para o dia que iam dar aula. Não conseguiam planejar para uma semana ou duas, em função de diversas questões que podiam variar o que estava pré-determinado como, por exemplo, o funcionamento da internet, o prazo que os alunos levam para fazer as atividades, as dúvidas e comentários que surgem no decorrer da aula, entre outros. O formato remoto traz uma série de incertezas ao planejamento docente, pois é preciso conhecer o ritmo de cada turma, entender as dificuldades dos estudantes e ir adequando as aulas no desenvolvimento do ano letivo.

Quando a gente estava no colégio a gente sentava, num dia da semana, planejava mais ou menos uns dois ou três dias, ou tentava ver pra semana. Só que às vezes, no dia mesmo tem que fazer as adequações. Então, às vezes, eu pensava 'poxa, a gente planeja, planeja, planeja pra semana e tem que mudar tudo' então eu comecei a planejar de um dia pro outro, no máximo, dois dias. (P4, 2021)

Outro ponto salientado por duas professoras entrevistadas foi a necessidade de escolherem trabalhar os conteúdos mais importantes, em função do tempo:

É diferente da sala de aula. Lá (modo remoto) eles têm que erguer a mão, aí eles têm que ligar o microfone, daí fala, daí pede, querendo ou não eles tinham muito mais dúvidas online do que presencial. Aí eu tinha que atender um por vez, todo mundo tinha que ficar escutando a dúvida do colega. Eles não tinham concentração pra ir continuando enquanto o outro estava falando. Então eu buscava fazer isso: eu explicava o conteúdo, fazia aquelas atividades mais fundamentais que eu achava e o resto eu mandava (fazer) em casa, ou deixava um videozinho gravado pra depois 'ó pessoal tal, tal e tal questão eu vou deixar aqui pra vocês o videozinho e vocês assistam depois da aula' porque a gente não tinha muito tempo. Além do mais, eles queriam falar alguma coisa que tinha acontecido, queriam contar [...] e aí a gente ocupa aquele tempo pra escutar o aluno. (P6, 2021)

Nas aulas remotas, o tempo acaba sendo um pouco reduzido, principalmente por se tratar de crianças. No momento síncrono, quando estão juntos, eles sempre têm algo a contar, uma dúvida, o que acaba influenciando no tempo que a professora dispõe para dar aula.

É notório a necessidade que os alunos têm de contar acontecimentos do seu cotidiano. Eles sentem a falta do contato, da interação entre colegas. O fator de convivência interpessoal, fundamental nessa fase de desenvolvimento da criança, está sendo prejudicado pelo formato remoto. Como mencionado anteriormente, os autores Vieira e Ricci afirmam que é na escola que ocorre a interação, a troca de saberes e vivências entre colegas.

Após acompanharmos esses relatos, é possível afirmar que o trabalho das educadoras, além de essencial para manter o vínculo dos estudantes com o ensino e conteúdos escolares, também aumentou, visto que o processo de gravar vídeos, fotografar, montar slides, editar vídeo, etc. demanda tempo e, na maioria das vezes, extrapola-se o horário de trabalho para deixar tudo organizado para que os alunos possam acessar e compreender a explicação. Como afirmam muitos educadores, no modo remoto o trabalho do professor é redobrado.

Em relação aos desafios encontrados na reelaboração do planejamento didático, as educadoras que participaram das entrevistas ressaltaram que a principal dificuldade era não estar em contato presencial com os alunos, não acompanhar o desenvolvimento da aprendizagem de perto, não poder auxiliar com o que era preciso, não conseguir ver como estava o desenvolvimento da escrita dos aprendizes. Por se tratar de uma nova realidade, ainda não se encontram pesquisas referentes à alfabetização em modo remoto. Nunca se alfabetizou em modo on-line e esse é um desafio gigantesco para o profissional que atua nessa

fase, pois a falta de contato próximo entre professor e aluno representa um empecilho no processo de ensino-aprendizagem de ler e escrever.

Também foi mencionado a necessidade de elaborar materiais (vídeos, apresentações) chamativos, que fizessem os alunos se interessarem e que fossem, ao mesmo tempo, de fácil entendimento, para que os pais também pudessem compreender e poder auxiliar seus filhos.

Ter mais ferramentas digitais para trabalhar, criar materiais utilizando o celular e o computador foi outra questão citada como desafio no planejamento didático das educadoras. Precisou-se dispor de mais tempo para aprender a trabalhar com os recursos disponíveis digitalmente, encontrar a ferramenta certa para ensinar e produzir material para explicação do conteúdo com elas. Foi necessário redirecionar aquilo que as professoras já tinham pronto, utilizando meios digitais para apresentar o conteúdo aos estudantes.

Uma das professoras mencionou que sentia muita falta do contato diário com as demais educadoras, para trocar ideias, experiências e relatos. Por mais que fossem realizadas videochamadas para realizar o planejamento, não é o mesmo que estar em contato próximo. Essa foi a principal queixa quanto ao ensino remoto.

De um modo geral, houve outros desafios e dificuldades encontradas pelas docentes na elaboração das aulas síncronas e assíncronas, tais como não saber se eram realmente os educandos que faziam as tarefas; nos encontros síncronos, não conseguir identificar se os alunos estavam prestando atenção na aula ou se estavam navegando em outras guias; estudantes que ficavam com algumas atividades pendentes; a conexão da internet falhar, algumas vezes, fazendo com que alguns alunos perdessem parte da explicação; ou, então, problemas com o som, quando algum aluno realizava uma leitura ou queria fazer uma pergunta/comentário; e também a exposição das professoras e dos alunos: o professor muitas vezes se sente inseguro, pois há outros familiares no ambiente em que os alunos assistem às aulas, alguns estão ali apenas para acompanhar e ajudar, mas outros estão, também, avaliando e até criticando o trabalho dos docentes.

O ensino remoto é uma realidade recente. Ainda há muito o que aprender em relação ao planejamento, aulas e atividades. É de suma importância que os educadores estejam em constante processo de aprendizagem sobre ferramentas digitais e metodologias significativas para poder ofertar aulas de qualidade para seus alunos. A instituição escolar, por sua vez, deve

oferecer formações voltadas a esse propósito, buscando capacitar cada vez mais os docentes, estimulando-os a criarem novas abordagens e novos métodos de ensino.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao findar esta pesquisa, constata-se que os objetivos iniciais foram atingidos, pois foi possível, através dos relatos das educadoras, conhecer os principais desafios que estão sendo enfrentados durante o período de aulas remotas, bem como compreender como se deu a readequação do planejamento didático.

De maneira geral, o ensino remoto tem sido⁵ muito desafiador tanto para professores, que precisaram se reinventar e ofertar o ensino, garantindo que os aprendizes tivessem acesso à educação, quanto para os alunos e suas famílias, que necessitaram criar um espaço no qual a criança ficasse confortável para realizar as tarefas. Os pais, por sua vez, tiveram que participar ativamente do processo de ensino aprendizagem, dado que as crianças não têm autonomia suficiente para lidar com essa nova realidade.

Em suma, todos os envolvidos no processo de ensino aprendizagem precisaram se reinventar e buscar conhecimento a respeito do uso de ferramentas tecnológicas digitais, adaptando os materiais, almejando, com isso, a continuidade do vínculo entre educandos e escola. Com certeza, não está sendo uma tarefa fácil, existem muitas limitações, mas sabemos que é a forma mais segura de ofertar o ensino durante a pandemia.

⁵ Em junho de 2021, quando apresentamos nosso artigo como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista, a pandemia de Covid 19 ainda estava em curso, o que nos fez optar por utilizar a terminologia “tem sido”.

REFERÊNCIAS

- ALVES, L. Educação remota: entre a ilusão e a realidade. *Interfaces Científicas - Educação*, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 348–365, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/educacao/article/view/9251>>. Acesso em: 11 mar. 2021.
- ARRUDA, E. P. Educação remota emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *Em Rede: Revista de Educação a Distância*. v. 7, n. 1, 2020, p. 257-275. Disponível em: <<https://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/621>>. Acesso em: 10/12/2020.
- BRASIL, Decreto MEC nº 9.057, de 25 de maio de 2017. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/d9057.htm>. Acesso em: 10/12/2020.
- GARCIA, Tânia C. M. et. Al. Ensino remoto emergencial: proposta de design para organização de aulas. Natal: SEDIS/UFRN, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/29767/1/ENSINO%20REMOTO%20EMERGENCIAL_proposta_de_design_organizacao_aulas.pdf>. Acesso em 13/03/2021.
- OLIVEIRA, Maria S. L. et al. Diálogos com docentes sobre ensino remoto e planejamento didático. Recife: EDUFRPE, 2020. Disponível em <http://www.decon.ufrpe.br/sites/ww4.deinfo.ufrpe.br/files/di%C3%A1logo.com_docentes.ensino.remoto.planejamento.did%C3%A1tico.pdf>. Acesso em 10/12/2020.
- VIEIRA, Leticia; RICCI, Maíke CC. A educação em tempos de pandemia: soluções emergenciais pelo mundo. Observatório do Ensino Médico em Santa Catarina, 2020. Disponível em : <https://www.udesc.br/arquivos/udesc/id_cpmenu/7432/EDITORIAL_DE_ABRIL_Let_cia_Vieira_e_Maike_Ricci_final_15882101662453_7432.pdf>. Acesso em 18/05/2021.